

Comportamentos modernos: o Rio de Janeiro do início do século XX em crônicas de João do Rio e Lima Barreto

(Modern ways of life: the Rio de Janeiro city in the beginning of 20th century in chronicles by João do Rio and Lima Barreto)

Regina Célia dos Santos Alves

Centro de Letras e Ciências Humanas – Universidade Estadual de Londrina (UEL)

reginacsalves@hotmail.com

Abstract: This paper aims to analyze how João do Rio and Lima Barreto observe, by literature, some ways of sociability present in Brazilian urban context, specially in great cities, like Rio de Janeiro, in the beginning of the 20th century. For this, we analyze the chronicles “Bendito football”, by Lima Barreto, and “Modern girls”, by João do Rio.

Keywords: João do Rio; Lima Barreto; city; sociability.

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar o modo como João do Rio e Lima Barreto observam, por meio da literatura, certos comportamentos e formas de sociabilidade que se tornam frequentes no contexto urbano brasileiro, sobretudo nas grandes cidades, como o Rio de Janeiro, no início do século XX. Para tanto, serão analisadas as crônicas “Bendito *football*”, de Lima Barreto, e “*Modern Girls*”, de João do Rio.

Palavras-chave: João do Rio; Lima Barreto; cidade; sociabilidade.

Lima Barreto e João do Rio, pseudônimo mais conhecido de João Paulo Alberto Coelho Barreto, não foram apenas contemporâneos e conterrâneos, mas sobretudo dois apaixonados pela cidade. Vivendo em um momento conhecido como *Belle Époque*, que aflora no contexto brasileiro nas primeiras décadas do século XX, ambos os escritores se dedicaram, com verdadeira paixão, ao espaço urbano carioca tanto no tocante ao desenho cartográfico e arquitetônico da cidade, então alvo de intensas transformações postas em cena pelo “bota abaixo” do prefeito Pereira Passos, com vistas a uma nova urbanização, capaz de promover um espaço mais moderno, bonito, elegante e higiênico, nos moldes da Paris remodelada no século XIX, por Haussmann, quanto nos novos comportamentos e modelos de socialização reclamados por um mundo que pretendia, a todo custo, modernizar-se, tornar-se um centro cosmopolita à semelhança de grandes metrópoles europeias, como Paris e Londres, por exemplo, muito prestigiadas à época.

O encantamento pelo urbano, no entanto, não fez com que Lima Barreto e João do Rio olhassem da mesma forma para a cidade. Em ambos está em cena o Rio de Janeiro, que redesenam por meio da literatura, a cidade que, embora reconhecida pelos elementos de referencialidade que a caracterizam, é texto, é palavra, é imaginação reconstituída a partir da materialidade.

Todavia, se o ponto de partida dos escritores é o mesmo, a perspectiva de abordagem do urbano e o modo como constroem e dão sentido à cidade é singular em cada um deles. Em parte, as particularidades observadas tanto em João do Rio quanto em Lima Barreto nas imagens urbanas que criam e no significado que conferem à urbe vinculam-se à postura do escritor diante do objeto tratado e da própria literatura. No tocante a Lima Barreto, essa questão é fundamental. O autor de *Isaiás Caminha*, como se observa em praticamente tudo o que escreveu, nos diversos gêneros em que se exercitou, sempre foi um artista militante, que via na literatura uma arma potencial no

sentido de promover uma transformação social. Entendida a militância aqui no sentido de um colocar-se do artista contra uma ordem social que considera injusta e desonesta, a obra de Lima Barreto, seja romances, contos, crônicas, diários, etc., organiza-se como um afrontamento à e um enfrentamento da sociedade vigente, de seus valores e comportamentos. Como mostra Carlos Erivany Fantinati, cabe assim ao artista militante

produzir uma obra esteticamente válida, mas, e sobretudo, realizar uma obra que contenha um sentido revolucionário do ponto de vista social. Sua posição consiste em afirmar não unicamente o caráter ideológico da obra literária, mas, e, principalmente, em afirmar a necessidade de que ela atue como veículo de conscientização e de esclarecimento do público. (1978, p. 3)

Por considerar a sociedade brasileira dos primeiros anos do século 20 uma sociedade corrompida, hipócrita, preconceituosa e fútil, aspectos que aparecem reiteradamente em seus escritos, Lima Barreto lança um olhar crítico e não raro sarcástico sobre essa realidade, tendo por fim não apenas a denúncia, mas a mudança, a reversão do quadro exposto a partir da conscientização do público. A obra de arte seria, desse modo, veículo de conscientização e também aquela capaz de aproximar o escritor, intelectual consciente e não-alienado, do público, cuja consciência em relação ao meio alienante seria menor (FANTINATI, 1978, p. 4).

A arte militante, assim, ao se colocar contra o *status quo*, tanto social quanto literário, constrói-se como uma arte de contestação, que visa a mudanças. Todavia, vive um grande paradoxo, pois como necessita do reconhecimento público e imediato para que seus objetivos se concretizem, não pode fazer-se totalmente estranha, como as obras de vanguarda, sob pena de naufragar suas intenções imediatas. Conforme Fantinati,

O artista militante é um criador que vive uma intensa contradição dentro da situação concreta em que se insere. (...) seu comprometimento, por um lado, o afasta e o aproxima formal e conteudisticamente do artista segregado; por outro, leva-o a buscar, por meio da crítica, o êxito social do artista agregado. Seu estado é de constante tensão entre a realidade estética da obra e seu sentido social.

Desse afastamento da “pureza” dos extremos, resulta seu conflito entre o artista descomprometido em relação às necessidades intrínsecas da obra e o comprometimento sobretudo com elas, isto é, entre o artista agregado, que acentua as tendências ajustadas, e o artista segregado, que enfatiza as tendências diferenciadoras. É um artista que, contestando os comprometimentos ideológicos e formais dos extremos, busca tanto escapar ao fracasso imediato do artista segregado como alcançar o êxito social instantâneo do artista agregado. Sua procura é, assim, caracterizada por uma tentativa de conciliação entre ambos e, ao mesmo tempo, por uma negação deles no momento presente em que se situa. (1978, p. 8-9).

A tensão descrita por Fantinati acerca do artista militante é a vivida por Lima Barreto, cujo projeto utópico, revolucionário, perpassa, em maior ou menor grau, por todos os seus escritos. A obscuridade em que viveu a obra do autor quando escrita e mesmo vários anos depois, até ser descoberta e reavaliada pela crítica, atesta, ao que parece, pelo menos de forma mais imediata, a falência do projeto constestatório do

autor, pois no momento em que escreve não consegue o reconhecimento imediato do público, sendo, em certa medida, vencido pelo *status quo*, contra o qual se coloca.¹

De qualquer forma, ainda que oscilações ocorram na produção de Lima Barreto, sobretudo quanto à fatura do objeto literário, a postura crítica e constestatória do meio sócio, político, cultural e econômico da época é companheira inseparável do escritor em todos os gêneros nos quais se exercitou, inclusive na crônica, que aqui será nosso objeto de estudo. Em todos a militância se faz presente, em todos o olhar é crítico e severo, mesmo quando a forma é satírica, irônica ou paródica, o que mostra que Lima Barreto não perde de vista a ideia de que a literatura pode ser revolucionária e cabe ao artista, ao escritor, levar adiante essa missão. É com olhar crítico que lê o vertiginoso e modernizante mundo urbano da então capital federal no início do século passado, como mostraremos com a crônica “Bendito *Football*”.

Se o perfil de Lima Barreto é o do artista militante, conforme colocado, o mesmo não é possível dizer de João do Rio, que praticamente nasce e morre junto com Lima e, como ele, passa toda a sua vida no Rio de Janeiro. João do Rio, como já foi dito, foi um apaixonado pela cidade e dela fez um de seus temas preferidos, seja no romance, na crônica, no conto, ou na reportagem. Na expressão do ambiente urbano o alvo do autor não era fixo e transitava com desenvoltura tanto na retratação dos aspectos mais sórdidos da urbe, ao abordar aquilo que chamava de “canalha”, quanto do mundo elegante e refinado da burguesia.

Foi, sem dúvida, grande admirador, e não raro um apologista, da vida moderna e burguesa que então se instaurava, sobretudo nas principais cidades brasileiras nas primeiras décadas do século XX. O próprio autor era visto no meio em que circulava como um dândi, por seu gosto e comportamento sofisticados e elegantes.² O apelo, como se vê, é fortemente cosmopolita. Todavia, embora não imbuído de um espírito militante, contestador e revolucionário ao se colocar na contramão do *status quo*, João do Rio não foi, de forma alguma, um escritor alienado, no sentido de se agregar totalmente ao mundo em que vivia, sem dele ter uma postura crítica e reflexiva, aspecto constante e mesmo determinante em Lima Barreto. Embora fortemente atraído pelo cosmopolitismo e por modelos de sociabilidade então colocados, João do Rio é um espírito, acima de tudo, moderno e inquieto, transitando pelos encantos e desencantos, pelas belezas e misérias, pela cena e pela obscena, como mostra Renato Cordeiro Gomes (2008), da urbe carioca, à época em franco processo de modernização.

Em texto de abertura de *A Alma Encantadora das Duas*, “A rua”, João do Rio mostra que a capacidade de apreensão do urbano, tanto física quanto socialmente, tem origem no ato de flunar, de “perambular com inteligência”:

¹Michel Foucault, em *A ordem do discurso* (18. ed. São Paulo: Loyola, 2009), mostra que uma prática extra-discursiva opõe-se a uma prática discursiva, ou seja, a um discurso hegemônico, sendo aquela frequentemente vítima de exclusão e rejeição, uma vez que questiona os discursos considerados verdadeiros. No caso de Lima Barreto, é possível dizer que sua literatura funciona como uma prática extra-discursiva a afrontar o discurso modernizante de sua época, a esconder vícios, preconceitos, egoísmos e hipocrisias que alimentavam o corpo social. Nesse sentido, o autor figura como uma voz quase solitária, um louco, ouvido mas facilmente rejeitado, dada a força imperiosa do discurso que questiona. Sendo assim, não é difícil compreender a falência de seu projeto constestatório no momento em que escreve.

²Nicolau Sevchenko, em *Literatura como missão* (2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003), mostra como a figura do *smart*, no início do século passado, marcado sobretudo pelo traje, paletó de casimira clara e chapéu de palha, dissemina um novo tipo: o janota cosmopolita, sendo que João do Rio encarna com perfeição esse tipo.

Para compreender a psicologia da rua não basta gozar-lhes as delícias como se goza o calor do sol e o lirismo do luar. É preciso ter espírito vagabundo, cheio de curiosidades malsãs e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível, é preciso ser aquele que chamamos *flâneur* e praticar o mais interessantes dos esportes – a arte de flunar. (RIO, 2007, p. 50)

Ao adotar o comportamento do *flâneur*, João do Rio entra em contato com a dinâmica vertiginosa do mundo urbano, com suas contradições e idiossincrasias. Isso permite ao escritor perscrutar os desvãos, os meandros da cidade e do homem que a conforma.

Desse modo, na sua paixão pelo urbano, interessa, como já dissemos, tanto a “canalha”, a gente humilde e miserável, vivendo não raro na marginalidade, em desconformidade com a ordem estabelecida, como os “encantadores”, representantes de uma elite burguesa então em ascensão, cujos valores e comportamentos, na maioria das vezes modelados de acordo com padrões europeus de requinte e elegância, colocam-se como a orientação “oficial” a ser seguida. É o ato de flunar, portanto, que permite a João do Rio um olhar mais atento sobre a pluralidade e as contradições da capital da República nos primeiros anos do século XX, quanto tentava, a qualquer preço, apagar a imagem de cidade tacanha e colonial, tanto no aspecto físico, com o “bota a baixo” de Pereira Passos, quanto nos novos modelos de socialização que começam a se impor, na tentativa de ingressar no bonde do progresso e da modernidade.

A crônica de João do Rio que aqui escolhemos para a leitura, “*Modern Girls*”, de *Vida Vertiginosa*, de 1911, é um exemplo da sensibilidade do autor em aprender, através do cotidiano da vida urbana, do acontecimento corriqueiro, “miúdo”, uma mudança substancial nas relações sociais, que passam a se fazer, pelo menos para uma elite dominante, ou que deseja ascender social e economicamente, por meio do abandono de comportamentos antigos e da adoção de novos comportamentos, mais de acordo com o cosmopolitismo e com o arrivismo que tomam conta do cenário da *Belle Époque* brasileira no início do século passado.

Ainda que as crônicas de João do Rio possam não expressar uma crítica tão mordaz e aguda como se observa em Lima Barreto, é inegável o olhar atento e também reflexivo do autor para as transformações que nem sempre via com simpatia, operadas no seio da sociedade carioca de sua época.

Em Lima Barreto, como já dito, a militância tem papel fundamental em sua produção e norteia o olhar lançado pelo escritor sobre a realidade urbana carioca e “*Bendito Football*”, publicado originalmente na revista *Careta*, em 1º de outubro de 1921, é um exemplo flagrante disso.

O assunto da crônica é corriqueiro e trata de uma partida de futebol que o Brasil disputaria com a Argentina. Todavia, esse assunto banal serve de pretexto para a discussão de questões muito mais sérias e complexas, como o preconceito racial e a situação do negro na sociedade brasileira, tema caro a Lima Barreto, que sofreu na própria pele as agruras do racismo e que fez figurar em vários de seus escritos, como *Clara dos anjos* e *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, por exemplo.

“*Bendito Football*” inicia-se, ironicamente, com a afirmação de que o “*football* é uma instituição benemérita, cujo rol de serviços ao país vem sendo imenso e parece não querer ter fim (p. 88). Essa afirmação, no entanto, vai ser desmentida no decorrer da crônica, a começar pela enumeração que o cronista julga serem os três principais

serviços do futebol ao país: (1) trazer notoriedade; (2) criar ilusão nos trabalhadores, e (3) estabelecer rivalidade.

No elenco de serviços, como se observa, a ironia já começa a se manifestar, visto que todos os três se chocam com a afirmação inicial, o de que o futebol é uma instituição benemérita, que tem prestado vários serviços ao país.

No primeiro serviço, Lima Barreto mostra uma sociedade com sede de nomeada e que encontra no futebol o caminho para sair do obscurantismo:

Um deles, senão o primordial, é ter trazido, para notoriedade das páginas jornalísticas e das festanças e rega-bofes dos Césares destas bandas, nomes de obscuros cavalheiros, doutores ou não, sequiosos de glória, que, sem ele, não teriam um destaque qualquer, fosse de que natureza fosse. (BARRETO, 2005, p.88)

O segundo cria uma ilusão de força e potência nos trabalhadores simples e que, podemos ler no discurso crítico e irônico do autor, acaba por acomodá-los a uma situação, crenes de que são tão poderosos quanto os jogadores:

Um outro é ter permitido que os trabalhadores de ofício em que se exige grande força muscular nas pernas e nos pés, tais como: o do caixeiro de bancos, o de empregado em lojas comerciais e em escritórios, o de funcionário público, o de estudante e o de profissional do “desvio”, realizassem as suas respectivas profissões com perfeição e segurança de quem dispõe de poderosos “extensores”, “pediosos”, “perônios”, “tíbias”, etc, etc. (BARRETO, 2005, p. 88. Grifos do autor.)

O terceiro serviço, por sua vez, diz respeito às rivalidades e desavenças provocadas pelo futebol:

...falemos de um terceiro mais geral de que todos nós brasileiros lhe somos devedores: ele tem conseguido, graças a apostas belicosas e rancorosas, estabelecer não só a rivalidade entre vários bairros da cidade, mas também o dissídio entre as divisões políticas do Brasil. (BARRETO, 2005, p. 89)

Essas considerações iniciais acerca do futebol ironicamente vão retirando qualidades positivas do esporte para, em seu lugar, instaurar o aspecto negativo, uma vez que os serviços prestados transformam-se, de fato, em desserviço. Todavia, não se trata, como à primeira vista se poderia supor, de uma simples antipatia do cronista narrador pelo futebol. Na verdade, esses comentários primeiros funcionam como meta para tratar de um outro assunto que, tangencialmente, passa pelo futebol: o preconceito racial. O que a crônica pretende discutir é, sobretudo, uma notícia publicada no *Correio da manhã* por ocasião de uma partida de futebol que nossos jogadores realizariam na Argentina: “O sacro colégio do *Football* reuniu-se em sessão secreta, para decidir se

podiam ser levados a Buenos Aires campeões que tivessem, nas veias, algum bocado de sangue negro – homens de cor, enfim” (BARRETO, 2005, p. 89).

O assunto central da crônica, dessa forma, será não o futebol em si, mas o preconceito racial que o escritor observa na atitude da liderança desportiva quanto à composição humana da equipe que nos representaria lá fora. Para a sociedade do momento, que se quer limpa, higiênica e europeia, é inaceitável tudo o que fuja do padrão buscado. Nicolau Sevcenko, em *Literatura como missão*, ao comentar a inserção do Brasil na *Belle Époque*, mostra a atitude de intolerância social diante de determinados grupos e raças, revelando os conflitos que afloram na sociedade do momento. O texto que menciona, de autor desconhecido e publicado no *Jornal do Comércio*, em 30 de março de 1908, é ilustrativo e vai ao encontro da crônica de Lima Barreto:

Lembro-me sempre, por mais que queira esquecer, a amargura, o desespero com que pusemos os olhos rebrilhantes de orgulho nacional naquele carro fatal, atulhado de caboclos, que a mão da providência meteu em préstito por ocasião das festas do Congresso Pan-Americano. A cabeleira da mata virgem daquela gente funesta ensombrou toda a nossa alegria. E não era para menos. Abriamos a nossa casa para convidados da mais rara distinção e de todas as nações da América. Recebíamos até norte-americanos! [...] Íamos mostrar-lhes a grandeza de nosso Progresso, na nossa grande Avenida recém-aberta, na Avenida à beira-mar, não acabada, no Palácio Monroe, uma teteia de açúcar branco. No melhor da festa, como se tivessem caído do céu ou subido do inferno eis os selvagens medonhos, de incultas cabeleiras metidas até os ombros, metidos com gente bem penteada, estragando a fidalguia das homenagens, desmoralizando-nos perante o estrangeiro, destruindo com seu exotismo o nosso chiquismo.

Infelizmente não era mais tempo de providenciar, de tirar aquela nódoa tupinambá da nossa correção parisiense, de esconder aqueles caboclos importunos, de, ao menos, cortar-lhes o cabelo (embora parecesse melhor a muita gente cortar-lhes a cabeça), de atenuar com escova e perfumaria aquele escândalo de bugres metediços [...] Não houve remédio senão aturar as feras, mas só Deus sabe que força de vontade tivemos de empregar para sorrir ao Sr. Root, responder em bom inglês ao seu inglês, vendo o nervoso que nos sacudia a mão quando empunhávamos a taça dos brindes solenes e engolir, de modo que não revelasse aos nossos hóspedes que tínhamos índios atravessados na nossa garganta. Foram dias de dor aqueles dias de glória. A figura do índio nos perseguia com a tenacidade do remorso. A sua cara imóvel interpunha-se à dos embaixadores e à nossa. As suas plumas verdes e amarelas quebraram a uniformidade negra das casacas. Broncas sílabas tupis pingaram, enodoando o primor das línguas educadas. (SEVCENKO, 2003a, p. 50-51)

As considerações do cronista do *Jornal do Comércio* acerca da representação do índio na sociedade da época aproximam-se em muito do que nos é apresentado em “Bendito *Football*”. O índio, antes motivo de orgulho nacional, cantado heroicamente na literatura romântica como a verdadeira origem do brasileiro e com frequência mencionado em comemorações cívicas, passa, nesse início de século, a ser considerado praticamente um monstro, uma nódoa no requinte da sociedade burguesa, com sua aparência grotesca e seus modos primitivos, a se chocar brutalmente com a sofisticação buscada, sobretudo porque lembra, a todo momento, de uma origem indesejada, da qual se quer definitivamente afastar.

Não é muito diverso o fato para o qual chama atenção Lima Barreto em “Bendito *Football*”. A discussão do cronista recai exatamente sobre essa mesma sociedade preconceituosa, que se diverte à larga com o futebol,³ dele adotando até mesmo alguns comportamentos, como os ditos “serviços” enumerados ironicamente pelo cronista, como visto, mas que não aceita ter, na equipe de jogadores, negros ou mulatos, ou seja, sangue negro que possa “manchar” uma raça que se quer pura, embora não o seja:

O conchavo não chegou a um acordo e consultou o papa, no caso, o eminente senhor presidente da República. Sua Excelência que está habituado a resolver questões mais difíceis como sejam a cor das calças com que os convidados devem comparecer às recepções de palácio; as regras de precedência, que convém sejam observadas nos cumprimentos a pessoas reais e principescas, não teve dúvida em solucionar a grave questão. Foi sua resolução de que gente tão ordinária e comprometedora não devia figurar nas exportáveis turmas de jogadores; lá fora, acrescentou, não se precisava saber que tínhamos no Brasil semelhante esterco humano. (BARRETO, 2005, p. 89-90)

O fragmento citado é de uma ironia mordaz, ao mostrar que um assunto tão sério como o preconceito seja tratado de forma leviana, por autoridades igualmente levianas e mesquinhas, como um presidente da República que decide “questões mais difíceis como a cor das calças com que os convidados devem comparecer às recepções de palácio; as regras de precedência, que convém sejam observadas nos cumprimentos a pessoas reais e principescas” (BARRETO, 2005, p. 89-90) e que, arbitrariamente, soluciona a grave questão, impedindo a ida de jogadores de sangue negro à Argentina, pois, a seus olhos, que são o espelho de uma elite aburguesada cujos anseios se guiam em torno de valores cosmopolitas no sentido de uma aproximação com a suposta modernidade, sofisticação e pureza europeias, tais jogadores não compõem uma imagem exportável do país, pois são gente “ordinária” e “comprometedora”, nada além de “esterco humano”.

Assim como o índio nos envergonha com sua “cabeleira de mata virgem”, com “suas plumas verdes e amarelas” e com suas “broncas sílabas tupis” frente ao estrangeiro bem talhado, fidalgo a entoar um bom inglês, o negro e o mestiço são considerados, nesse mesmo contexto, como uma nódoa a manchar o Brasil e o povo brasileiro. A reforçar o preconceito racial, colaboram as teorias sobre a eugenia em voga nesse momento e que se revelam como a voz da verdade a serviço de uma sociedade altamente preconceituosa.

Por esse motivo, afirma o cronista, a comissão encarregada de avaliar o grupo de jogadores enviados à Argentina é composta por “grandes inteligências arianas e ilustres desconhecidos: “Senhores Anastácio, Zebedeu Palhano e Juliano Qualquer, doutos todos em várias cousas e também deputados federais” (BARRETO, 2005, p. 90).

Como se observa, a crítica de Lima Barreto, ao se utilizar do viés irônico, é severa e não perdoa a incompetência, a má-fé e a hipocrisia daqueles que se julgam superiores para julgar e decidir o futuro de quem, como os jogadores “tingidos” pelo sangue negro, não têm de fato voz na sociedade. Ainda mais agudas se tornam as

³ Nas primeiras décadas do século XX, conforme mostra Nicolau Sevckenko em *Orfeu extático na metrópole*, o futebol já era um esporte popular no país e uma das formas de lazer mais apreciadas sobretudo nos grandes centros urbanos.

críticas quando a crônica se volta para as contradições que reinam no seio de uma sociedade hipócrita, que se alimenta daquilo mesmo que quer expurgar e banir das vistas não só do estrangeiro, mas também de nossa vida nacional:

O que me admira, é que os impostos, de cujo produto se tiram as gordas subvenções com que são aquinhoadas as sociedades futebolescas e seus tesoureiros infiéis, não trazem também a tísica, o estigma de origem, pois uma grande parte deles é paga pela gente de cor. Os futebolistas não deviam aceitar dinheiro que tivesse tão malsinada origem. Aceitam-no, entretanto, cheios de satisfação. Não foi à toa que Vespasiano disse a seu filho Tito que o dinheiro não tem cheiro. (BARRETO, 2005, p. 90-91)

O tom militante, de denúncia e de contestação de uma ordem vigente é evidente nos comentários do cronista. A intenção é, acima de tudo, despertar no leitor a consciência para os graves problemas e contradições de nossa sociedade. É uma voz que sai da margem – Lima Barreto pode ser considerado marginal tanto pela sua condição social, é mestiço, pobre e alcoólatra, quanto pela sua militância, que o coloca fora da literatura “oficial”, não contestatória do *status quo* – a falar daqueles que estão à margem para o público, cuja consciência dos problemas colocados certamente não se dão no mesmo grau da consciência do escritor. Daí a necessidade de mostrar, de forma muito dura, o valor apenas monetário que a população de negros e mestiços, “quase a metade da população do Brasil”, tem no contexto focado, uma vez que o socorro do governo a esse grupo pobre e que não desfruta de privilégios dá-se unicamente em razão de que são fontes tributárias, necessárias para a manutenção dessa mesma sociedade que os marginaliza. Daí a afirmação de que “os maiores déspotas e os mais cruéis selvagens martirizam, torturam as suas vítimas; mas as matam afinal” (p. 91), enquanto que aquilo que observa no cenário nacional ultrapassa todos os limites da crueldade, uma vez que o sofrimento das vítimas é alimentado não com o objetivo de levá-las à morte, mas, ao contrário, para que permaneçam vivas na dor.

A conclusão final não poderia ser mais sarcástica. Uma verdadeira bofetada na sociedade desse momento:

A nossa vingança é que os argentinos não distinguem, em nós, as cores; todos nós, para eles, somos *macaquitos*. A fim de que tal não continue seria hábil arrendar por qualquer preço alguns ingleses que nos representassem nos encontros internacionais de *football*. Há toda a conveniência em experimentar. Dessa maneira, sim, deixávamos de ser *macaquitos*, aos olhos dos estranhos. (BARRETO, 2005, p. 91)

Como mostra o cronista, por mais que tentemos fugir de nossa condição de povo mestiço, que tem nas veias o sangue negro de que tanto nos envergonhamos, lá fora, para os Argentinos, essa imagem já está mais que consagrada no modo pejorativo com que denomina os brasileiros de modo geral: *macaquitos*. Dessa forma, afirma o cronista, a única solução é a substituição do brasileiro, mesmo do branco, também *macaquito* aos olhos do argentino, pelo estrangeiro, o inglês, cuja raça pura não nos envergonharia.⁴

⁴ A referência ao inglês na crônica é sugestiva, uma vez que é a Inglaterra o país originário do futebol e também das teorias acerca da eugenia.

Em resumo, o “bendito *football*”, que dá título à crônica, transforma-se em “maldito futebol”, não só pelos desserviços, e não serviços, prestados ao país, como o desejo de notoriedade, a ilusão e a dissensão, elencadas pelo cronista narrador, mas também no tocante às aspirações da sociedade da época, uma vez que a ela revela suas contradições, preconceitos e hipocrisias, aspectos que a mesma tenta camuflar a todo momento.

O apelo de Lima Barreto em “Bendito *football*” é, sem dúvida, o de conscientização do público leitor, de desalienação ao chamar a atenção para as contradições de uma sociedade que se moderniza e que aspira igualar-se a grandes centros europeus.

Se a crônica analisada de Lima Barreto expõe às escâncaras, por meio de uma ironia corrosiva, aquilo que julga negativo e inautêntico na sociedade carioca das primeiras décadas do século XX, a crônica de João do Rio que iremos abordar, “*Modern girls*”, de *Vida vertiginosa* (1911), revela um olhar atento do cronista para os novos modelos de socialização e para os novos hábitos que vão se impondo no contexto urbano da capital carioca do início do século XX no seu ingresso na modernização.

Se a crítica não se faz tão severa quanto em Lima Barreto, ela não deixa de percorrer, no entanto, as linhas do texto de João do Rio, numa expressão sensível e consciente das transformações por que passava a capital carioca.

Em “*Moderns girls*”, publicada primeiramente na *Gazeta de Notícias*, em 30 de outubro de 1910, João do Rio coloca em cena as mudanças de hábito e as novas formas de sociabilidade que se assentam na vida urbana do Rio de Janeiro de sua época. A crônica, recheada de elementos ficcionais, como uma história que se narra com começo, meio e fim, a presença de narrador e personagens, marcação de tempo e espaço, etc. — daí também sua proximidade com o conto —, é um registro muito interessante do comportamento feminino diante do que é sugerido e praticamente imposto pelo progresso e pelo cosmopolitismo.

Trata da observação do cronista narrador, em diálogo com uma personagem chamada de o Pessimista, de duas garotas que chegam a uma confeitaria, de aproximadamente doze e catorze anos, acompanhadas da mãe e de dois rapazes. O que chama atenção no cronista é o comportamento dessas garotas, bastante inusitado para duas crianças:

De repente, porém, houve um movimento dos criados, e entraram em pé de vento duas meninas, dois rapazes e uma senhora gorda. A mais velha das meninas devia ter quatorze anos. A outra teria doze no máximo. Tinha ainda vestido de saia entavada, presa às pernas, como uma bombacha. A cabeça de ambas desaparecia sob enormes chapéus de palha com flores e frutas. Ambas mostravam os braços desnudos, agitando as luvas nas mãos. Entraram rindo. A primeira atirou-se na cadeira.

— Uff! Que já não posso!...

— Mas que pândega!

— Não é, mamã?...

— Eu não sei, não. Se seu pai souber...

— Que tem? Simples passeio de automóvel.

A menor, rindo, aproximou-se do espelho.

— Mas que vento! Que vento! Estou toda despenteada...

Mirou-se. Instintivamente olhamos para o espelho. Era uma carita de criança. Apenas estava muito bem pintada. As olheiras exageradas, as sobrancelhas arginentadas, os lábios avivados a carmim líquido faziam-lhe uma apimentada máscara de vício. Era decerto do que gostava, porque sorriu à própria imagem, fez uma caretinha, lambeu o lábio superior e veio sentar-se, mas à inglesa, trançando a perna.

— Que toma?

— Um chope.

A outra exclamou logo:

— Eu não, tomo whisky, *whisky and Caxambu*.

— *All right*. (RIO, 2006, p. 81-82)

Da vestimenta às preferências por bebida, as garotas se distanciam muito do que se poderia esperar de duas meninas em tão tenra idade. A descrição do vestuário, saia entavada como uma bombacha, chapéus enormes de palha com flores e frutas lembra, pelo exagero, os “vestidos modernos” de Lima Barreto (2005). No rosto, a extravagância não é menor, uma vez que a face infantil encontra-se adulterada pelas tintas da maquiagem, com vistas a tornar adulto o que ainda não é. A criança, assim, sensualmente embrulhada para presente, pode “a troca de vestidos e chapéus” ir com o primeiro homem que atravessar seu caminho. E o cronista mostra que não estão sozinhas na empreitada, sendo que por trás está o consentimento e o incentivo do adulto, a mãe das garotas:

O sujeito sentou-se de frente, despachou o criado, rápido, e sem tirar os olhos do grupo, em que só a pequena olhava para ele, mostrou um envelope por baixo da mesa. A pequena deu uma gargalhada, fazendo com a mão um sinal de assentimento. E emborcou com a galhardia o copo de cerveja.

Nem a mim nem ao pessimista aquela cena podia causar surpresa. Já tínhamos visto várias vezes. Era mais um caso de precocidade mórbida, em que entram com partes iguais o calor dos trópicos e a ânsia de luxo, e o desespero de prazer da cidade ainda pobre. Aqueles dois rapazes, aliás inteiramente vulgares, para apertar, apalpar e debochar duas raparigas, tinham alugado um automóvel, mas tendo nele a mãe por contrapeso. A boa senhora, esposa de um sujeito decerto sem muito dinheiro, consentiria pelo prazer de andar de automóvel, pelo desejo de casar as filhas, por uma série de razões obscuras em que predominaria decerto o desejo de gozar uma vida até então invejada. (RIO, 2006, p.83)

O fragmento citado é excepcional no sentido do apontamento das aspirações e de um novo modo de vida que permeia a sociedade carioca nos áureos anos da *Belle Époque*. Como mostra Nicolau Sevcenko, ao citar Taunay, existe nesse momento a “fome de ouro, a sede da riqueza, a sofreguidão do luxo, da posse, do desperdício, do triunfo” (TAUNAY, apud SEVCENKO, 2003, p. 37).

Todas as aspirações colocadas por Taunay estão presentes na atitude das garotas, da mãe, dos rapazes e do homem desconhecido que inicia um flerte com uma das meninas. A postura “moderna” das meninas, assunto central da crônica, é, desse modo,

fruto das metamorfoses sociais e da valorização, sem precedentes, da mundanidade, de um universo frívolo e de aparências. Assim, à mãe importa, sem preocupação com os meios, a inserção das filhas nesse novo contexto, mesmo sem muita clareza dos motivos – como afirma o cronista, sua ação se dá “por uma série de razões obscuras” (p. 83); aos rapazes, igualmente, domina a sede do luxo e do poder, do desfrute dos prazeres ofertados por essa nova realidade, calcada sobretudo nas sensações passageiras e, desse modo, tentam assegurar esse poder por meio de um objeto símbolo da modernidade e do dinheiro à época, o automóvel, o “monstro transformador”, como a ele se refere João do Rio em “A era do automóvel” (2006). Também o homem desconhecido não pode ficar de fora do quadro geral e parte à caça de garotas desfrutáveis.

A sensibilidade do cronista diante do cenário observado aponta para uma civilização de aparências, a valorizar vícios e futilidades. Mais do que condená-las, como faz a personagem o Pessimista, voz da tradição e do conservadorismo, que afirma revoltar-se diante de um mundo perdido, ao cronista cabe um olhar mais analítico e que precisa dialogar com esse mundo em metamorfose na tentativa de compreendê-lo. Por esse motivo, não se distancia, como o Pessimista, que condena a atitude do cronista em cumprimentar as garotas que ele sequer havia visto antes.

Essa aproximação permite ao cronista perscrutar com mais profundidade as mudanças decorrentes da entrada sôfrega da sociedade no universo urbano, moderno e cosmopolita. Sua consciência é a de um mundo vertiginoso, frívolo e perverso, marcado pelo vício:

A civilização criou a suprema fúria dos apetites. Não há mais crianças. Há homens. As meninas, que aliás sempre se fizeram mais depressa mulheres que os meninos homens, seguem a vertigem. E o mal das civilizações, o vício, o cansaço, o esgotamento, dá como resultado das crianças pervertidas. Pervertidas em todas as classes; nos pobres por miséria e fome; nos burgueses por ambição de luxo, nos ricos por vício e degeneração. Certo, há muitíssimas raparigas puras. Mas estas, que se transformaram com o Rio, estas há dez anos tomariam sorvete, de olhos baixos e acanhadas, estas são as *modern girls*. (RIO, 2006, P. 84-85)

Interessante observar que a perversão está em todas as classes sociais e não apenas nas mais abastadas, mostrando o autor assim um panorama mais amplo da sociedade, que se constrói como um mundo de adultos, a excluir de seu quadro a infância.⁵ Portanto, essa mesma modernidade⁶ que cria a infância é responsável também por desfigurá-la no momento em que coloca, acima de tudo, e cada vez mais cedo, a busca desenfreada pelo luxo, pelo poder e pelos prazeres mundanos. As *modern girls* retratadas por João do Rio são um exemplo claro desse “vício precoce”:

⁵ A partir das revoluções burguesa e industrial e com o auxílio dos ideais iluministas, as crianças começam a ficar fora dos espaços de produção e passam a ser reconhecidas como *sujeitos*, com subjetividade diversa da dos adultos. Com isso, inventa-se o conceito de infância. (Cf. KEHL, Maria Rita. In: CORSO, Diana L. e CORSO, Mário. In: *Fadas no divã*. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 16)

⁶ Entendemos modernidade aqui como um conjunto de transformações ocorridas no âmbito social, cultural, político e econômico que se inicia com a Revolução Industrial, no século XVIII, e se estende pelos séculos seguintes, tendo na Revolução Francesa (1789) um de seus principais marcos.

— Criaturinhas com o trópico, o vício das ruas, o apetite do luxo que não podem ter, criaturinhas que desde o colégio, desde os dez anos, se enfeitam, põem pó-de-arroz, carmim, e namoram. O lar está aberto aos milhares, como se diria antigamente nos dramalhões. Elas tem um noivo, quando deviam estar a pular corda. (...)

— Estou a descrever-lhe um mal social apenas. Não é assim? É. São as *modern girls*. (...) Coitaditas! Ingenuidade, a ingenuidade do mal espontâneo. Elas são antes vítimas do nome, da situação, do momento, da sociedade. (RIO, 2006, p.86-87)

Como se observa, as *modern girls*, seja nas classes mais ou menos abastadas, pululam no cenário urbano carioca, vítimas, como afirma o cronista, do “nome, da situação, do momento, da sociedade” (p. 87), enfim, do tempo a que pertencem, sem “plena convicção”, assim como todos inseridos no “instante vertiginoso da cidade”, do que praticam. Vale, antes de mais nada, o *carpe diem*, em uma sociedade hedonista e veloz, sem tempo para pensar a si mesma, deixando-se levar pelo fluxo convulso, alienado e alienante, do mundo moderno. Dessa forma, para o cronista narrador, não há mais parâmetros autênticos a nortear o comportamento, mas apenas “imitação, porque o instante é esse, porque o momento desvairante é de um galope desenfreado de excessos sem termo, porque já não há juízo...” (p. 87-88).

Muito lúcidas e atuais também são as reflexões acerca da prostituição infantil e da pedofilia, hoje um dos graves problemas enfrentados pela sociedade brasileira:

Hoje essas duas pequenas são quase nada de grave. Semivirgens? Contaminadas de *flirt*? Sei lá! É preciso conhecer o Rio atual para apanhar o pavor imenso do que poderíamos denominar a prostituição infantil. Este é o caso bonito – não se aflija – , bonito à vista dos outros, porque os outros são sinistros. O que Paris e Lisboa e Londres, enfim as cidades europeias oferecem naturalmente, prolifera agora no Rio. A miséria desonesta manda as meninas, as crianças para a rua e explora-as. Há matronas que negociam com as filhas de modo alarmante. Há cavalheiros que fazem de colecionar crianças um esporte tranquilo. A cidade tem mesmo, não uma só, mas muitas casas publicamente secretas, frequentadas por meninas dos doze aos dezesseis anos. (RIO, 2006, p. 85)

Em “*Modern girls*”, portanto, não podemos dizer que haja, no olhar que se debruça sobre as drásticas mudanças de hábitos e o surgimento de novos sujeitos, ingenuidade ou leviandade por parte do observador. Embora, como afirma Renato Cordeiro Gomes, por vezes o espaço da crônica em João do Rio não figure como o mais adequado para o aprofundamento dos assuntos tratados, não raro parecendo que o autor “aponta para o leitor o propósito de não aprofundar-se no âmago das coisas” (2008, p. 120), existe uma reflexão que é crítica e lúcida acerca da realidade a que pertence, ainda que o próprio cronista se veja como mais um dos envolvidos pela convulsão da cidade vertiginosa.

O final da crônica, com a partida eufórica das garotas para mais um passeio de automóvel e o sugestivo flerte da menina mais nova com o desconhecido que chega à confeitaria, direciona para as transformações já assentadas no corpo social, apologista dos prazeres frívolos e efêmeros, mas, acima de tudo, modernos:

O bando ergueu-se. Houve um arrastar de cadeiras. Saiu a senhora gorda à frente. A menina mais velha seguida com um dos rapazes, que lhe segurava o braço. A menina menor também partia acompanhada pelo outro, que lhe dizia coisas ao ouvido. Ficamos sós – eu, o Pessimista e o homem nervoso da outra mesa, o tempo, aliás apenas para que o homem nervoso se levantasse, e, tomando de um lenço que ficara esquecido na mesa alegre, o embrulhasse com a carta... A menor das pequenas voltava, rindo, a dizer alto para fora:

— Esperem, é um segundo...

Correu à mesa, apanhou o lenço com a carta, lançou um olhar malicioso ao homem, e partiu lépida, sem se preocupar com o nosso juízo.

— Essas é que são as ingênuas? – berrou o Pessimista.

— Há ingênuas e ingênuas. Ingênuas xarope de groselhas...

— E ingênuas *whisky and Caxambu*?

— Exatamente. Esta, porém, é menos que *whisky*, e mais que xarope – e o comum das *modern girls* o que se pode chamar...

— Uma ingênuas *cock-tail*?

— E com ovo, excelente amigo, e com ovo! (RIO, 2006, p. 88-89)

As crônicas das quais aqui nos ocupamos, “Bendito *football*”, de Lima Barreto, e “*Modern girls*”, de João do Rio, expressam a sensibilidade literária de dois escritores que souberam, como poucos em sua época, refletir de forma penetrante acerca das profundas transformações pelas quais passava a sociedade carioca do início do século, bem como das agudas contradições subjacentes ao novo cenário urbano em ascensão. Souberam fazer da crônica, esse gênero híbrido, mescla de jornalismo e literatura, um veículo de crítica e reflexão que, nas mãos do artista refinado e sensível, ultrapassa a efemeridade dos noticiários jornalísticos, permanecendo viva e atual.

Em ambos os escritores, embora adotem posturas estéticas e ideológicas diferentes diante das transformações observadas no âmbito social, está em cena a preocupação em traçar o perfil da sociedade carioca que a todo custo “civiliza-se” e também o esforço de apreensão das novas formas de socialização que se fizeram no compasso frenético do processo de modernização da capital da República. Nas quatro crônicas ficam evidentes as mudanças ocorridas, as quais, no entanto, apenas mascaram, mas não eliminam, problemas graves da sociedade, como a corrupção, a hipocrisia, o preconceito, que ainda hoje, quase cem anos depois dos escritos de Lima e João do Rio, vicejam de forma exuberante em nossa sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. Bendito. Football. In: RESENDE, Beatriz (Org.). *Lima Barreto*. São Paulo: Global, 2005.

FANTINATI, Carlos Erivany. *O profeta e o escritor*. São Paulo: ILPHA- HUCITEC, 1978.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 18. ed. Rio de Janeiro: Loyola, 2009.

GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

KEHL, Maria Rita. A criança e seus narradores. In: CORSO, Diana; CORSO, Mário. *Fadas no divã*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *Vida vertiginosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003a.

_____. *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 2003b.

BIBLIOGRAFIA NÃO CITADA

RODRIGUES, João Carlos. Introdução. In: RIO, João do. *Vida vertiginosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.